

Mutirão mobiliza comunidade acadêmica contra a dengue

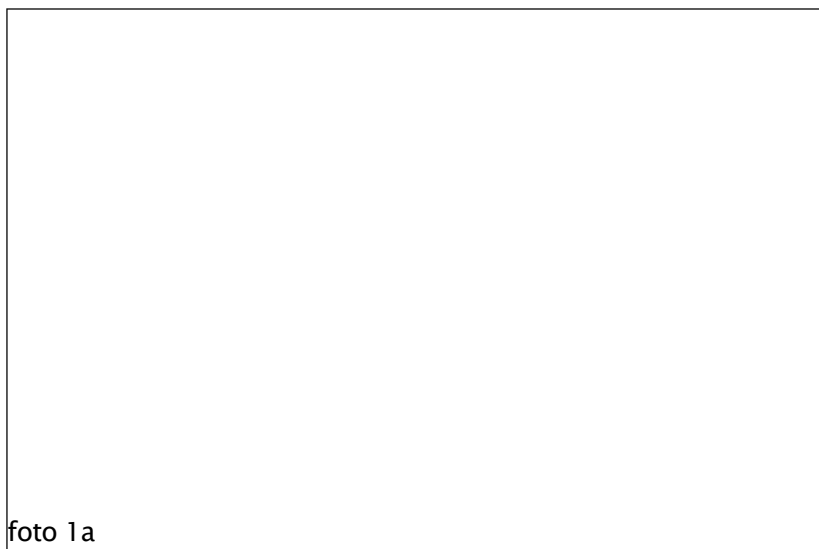


foto 1a

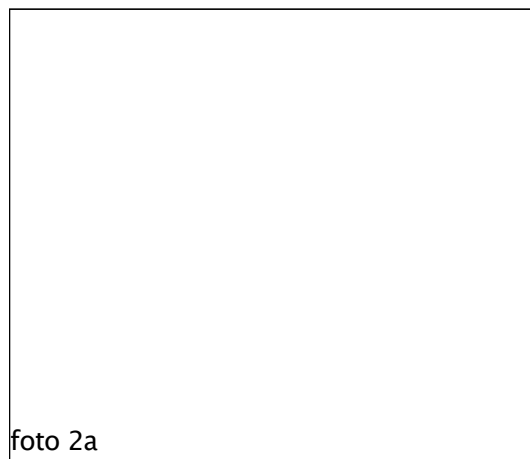


foto 2a

Fotos: Roca Lisboa

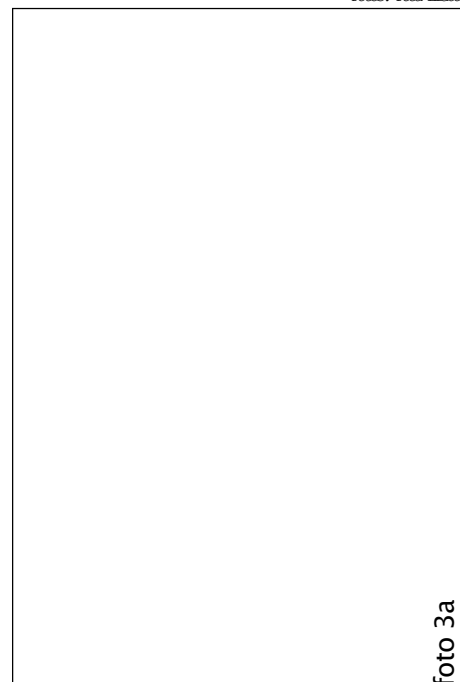


foto 3a

Cerca de 500 pessoas participaram, no dia 4 de fevereiro, do primeiro grande mutirão de combate aos focos do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, no campus Pampulha. A iniciativa, parte da campanha *UFMG contra a dengue*, viabilizou a inspeção de todos os possíveis focos de reprodução do mosquito localizados nos prédios e áreas verdes do campus (foto ao lado). Além da vistoria, voluntários distribuíram panfletos educativos e o grupo de teatro do departamento de Pediatria encenou uma peça infantil sobre os perigos da dengue aos alunos do Centro Pedagógico (fotos acima), entre outras ações.

Nesta quinta, dia 11, novo mutirão acontece no campus Saúde, que abriga o Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina e Escola de Enfermagem.

Estar lá ou aqui: um dilema da pós-graduação

* Ruben Caixeta de Queiroz

Desde seu começo, a Antropologia fez do encontro com outras experiências de vida o seu laboratório. Sair para fora, entregar-se ao "outro", ser contaminado por suas redes de significados, enfim, aprender com o estrangeiro esteve sempre no horizonte da disciplina. Voltar para seu meio (acadêmico) e, com o suporte da teoria, buscar a compreensão não só deste outro mas do seu próprio mundo, também sempre foi o objetivo do antropólogo.

Dentro deste espírito, tracei minha formação profissional: graduei-me em Ciências Sociais pela UFMG, fiz mestrado em Antropologia pela Unicamp e doutorado em Cinema e Antropologia pelas universidades de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e Paris X (Nanterre). Durante este período ainda vivi cerca de um ano com os índios Waiwai, no norte da Amazônia. Aprendi duas línguas diferentes e me acostumei com o dialeto dos paulistas e com seu preconceito em relação aos mineiros. Depois desse percurso, voltei como pesquisador à minha origem de formação intelectual, a UFMG. Durante o tempo que morei em Paris, eram freqüentes as conversas sobre este assunto com brasileiros ou pesquisadores de outras nacionalidades que lá também se encontravam fazendo doutorado. Os franceses, em particular, ficavam de certa forma surpresos ou indignados pelo fato de os brasileiros serem tão 'bem pagos' para estudar – cerca de 1.200 dólares por mês. Afinal, a maior partes deles não tinha qualquer tipo de apoio financeiro do governo para realizar sua pós-graduação – e isso também é válido para quase todos países da Europa, ao contrário do que se imagina aqui no Brasil. Logo eles que são adiantados em ciência e tecnologia! E o Brasil, não é um lugar de miseráveis? Como fazíamos para nos sustentar?

Do ponto de vista dos meus colegas europeus, os bolsistas brasileiros eram os representantes de uma elite econô-

mica e intelectual com as regalias de um Estado que, ao contrário de investir em ciência para superar a dependência tecnológica e as desigualdades sociais, na verdade garantia exatamente a manutenção e a reprodução de tal situação.

No entanto, essa imagem deles sobre nós tem fundamento na realidade. Pois na época colonial e até recentemente a Europa não era o "berço da civilização" para onde nossas elites iam se civilizar? E, mesmo hoje em dia, instituições como Oxford, Harvard e Sorbonne não são consideradas por nós a excelência

"Creio que seria uma grande burrice voltar agora para o nosso próprio umbigo"

acadêmica e o lugar de ponta da ciência e da tecnologia mundiais? E não é verdade que muitos dos bolsistas, depois de terem seus estudos financiados pelo governo brasileiro, acabam permanecendo nos laboratórios e instituições dos países ricos? Não é verdade que muitos daqueles que voltam dos "centros avançados" e aqui se instalam, acabam sendo ainda mais dependentes das teorias e tecnologias desses centros? E, uma vez no Brasil, com *status* de doutor pelas "Harvards" e "MITs", não utilizam disso para subir ainda mais na escala de prestígio e poder da nossa sociedade? Ou, talvez pior ainda, utilizam dele para aqui impor ordens, regras e teorias determinadas pelos interesses dos grandes grupos econômicos da ordem mundial? E os cientistas recém-chegados que obtêm apoio de nossas instituições de fomento à pesquisa para montar ou equipar suas estruturas de laboratórios com os últimos computadores, softwares

e tecnologia de ponta do Primeiro Mundo para serem ultrapassadas às vezes mesmo antes de instaladas? Estas questões me perseguiram quando estava no exterior fazendo meu doutorado e continuam presentes até hoje. Mas, por outro lado, sei que se estivesse ficado por aqui, sem sair do meu lugar de origem, na mesma sala de aula e ao lado das mesmas "cabeças", tendo como laboratório, por exemplo, os moradores de nossas favelas, teria incorporado muito pouco do que hoje imagino ter aprendido; inclusive a responsabilidade ética que me faz querer criar em nossa Universidade as condições para o desenvolvimento de um ensino e de uma pesquisa voltados para nossa realidade e para a superação da dependência tecnológica, científica e artística.

Além disso, não teria aprendido que o que fazemos em termos de estudos e pesquisa – pelo menos na área de antropologia – em países "periféricos" como o Brasil e a Índia – é tão avançado (talvez até mesmo mais criativo) quanto o que se faz nos grandes centros. Isto significa que não mais precisamos enviar nossos estudantes para sua formação em tais grandes centros? Creio que seria uma grande burrice voltar agora para o nosso próprio umbigo.

O que precisamos é aumentar nossa dispersão, sair ainda mais pra fora, e ver que, para além do primeiro mundo, se passa algo de muito rico não tão distante assim, por exemplo em nosso sertão profundo, na Amazônia e América Latina, para não falar nos povos que guardam uma profunda ligação linguística e cultural com nosso país: os africanos.

A verdade não está mais na mão somente dos ocidentais e, para ser mais radical, ela não está apenas na ciência.

* Professor do departamento de Sociologia e Antropologia da Fafich

Mutirão contra a dengue mobiliza 500 pessoas no campus da Pampulha

Iniciativa vistoriou locais propícios à proliferação do mosquito transmissor da doença

O primeiro grande passo para erradicar o *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue, do campus Pampulha foi dado no dia 4 de fevereiro, com a realização de um mutirão que percorreu todas as seções e unidades à procura de focos do mosquito. A empreitada faz parte da campanha *UFMG contra a dengue*, iniciada em 1998 e retomada este ano.

O mutirão, que mobilizou toda a comunidade acadêmica, começou logo cedo com a distribuição de panfletos educativos na entrada da avenida Antônio Carlos por integrantes do comitê da campanha e por um grupo de crianças fantasiadas de mosquito da dengue. O estudante do 1º período de Engenharia Mecânica, Rodrigo Muniz Borges, que recebeu um folheto, disse ter esperança de que a UFMG finalmente consiga acabar com os focos do mosquito. “Vai funcionar”, afirmou. O técnico de laboratório do ICB, Afonso da Costa Viana, lembrou que a dengue fez várias vítimas no ano passado: “Já estava na hora de a Universidade investir numa ação eficaz contra a doença”, disse o funcionário.

Todos os prédios do campus Pampulha foram vistoriados no primeiro mutirão, que reuniu cerca de 500 pessoas. Participaram funcionários da UFMG e do setor de zoonoses do Distrito Sanitário da Prefeitura de Belo Horizonte, Regional Pampulha, professores e alunos.

A iniciativa resultou de uma ação conjunta da Pró-Reitoria de Administração (PRA), Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC), Diretoria de Divulgação e Comunicação e do Departamento de Serviços Gerais (DSG). O coordenador de Assuntos Comunitários, Ronan Gontijo, destacou a participação dos alunos do Centro Pedagógico e dos funcionários da limpeza e das áreas verdes.

Perspectivas

A coordenadora do Comitê da campanha, professora Elizabeth França, disse que foram inspecionados todos os possíveis focos de reprodução do mosquito da dengue, co-mo vasos de plantas, garrafas e copos, contêineres, pneus e outros tipos de entulho. “A vistoria não se limitou apenas aos prédios e seus arredores, mas estendeu-se às áreas verdes, onde se joga muito lixo”, informou a coordenadora.

Durante o mutirão, o Distrito Sanitário da Pampulha apresentou painéis contendo kits informativos dos quatro estágios do mosquito da dengue – ovo, larva, pupa e o inseto adulto – no ICB, ICEx, Fafich, Praça de Serviços e Centro Pedagógico. Neste último, o grupo de teatro do departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina encenou uma peça infantil sobre os perigos da doença. “Essa primeira ação foi vitoriosa. As perspectivas para os próximos mutirões são ainda melhores. Em março tentaremos trazer autoridades sanitárias da PBH, do Estado e da própria

UFMG para participar da vistoria”, planeja o diretor do Distrito Sanitário, Luciano Elói Santos.

O reitor Sá Barreto saudou o êxito da iniciativa: “Com a participação de toda a comunidade, a dengue deixará de ser problema no campus”. O verão é a época do ano mais propícia à reprodução do mosquito transmissor, cujas larvas podem levar apenas 11 dias para eclodir. “O período é crítico por causa das chuvas. Por isso era fundamental um mutirão como este”, reforça Elizabeth França. Estudo elaborado pela PBH na Universidade revelou que cinco dos 15 locais inspecionados apresentavam focos do *Aedes aegypti*.

No mutirão da semana passada, foram encontrados possíveis criadouros no ICB, PCA e na Imprensa Universitária – com larvas de mosquitos não identificados. Segundo o professor Álvaro Eiras, do departamento de Parasitologia do ICB, as larvas encontradas serão agora analisadas pelo Laboratório de Culicídeos para se determinar se são realmente do mosquito da dengue.

Agenda

Nesta quinta, dia 11, e no período de 16 a 19 de março o mutirão se estenderá ao campus Saúde, que abriga o Hospital das Clínicas, a Faculdade de Medicina e a Escola de Enfermagem. A vistoria nas demais unidades do centro (faculdades de Direito, de Ciências Econômicas e de Odontologia e escolas de Arquitetura e de Engenharia) depende ainda de uma reunião com os seus diretores para definir as datas da ação. Os próximos mutirões no campus Pampulha estão previstos para os dias 4 de março e 8 de abril.



Foca Lisboa

Foto: 4a

foto 4a

Jovens fantasiados do mosquito da dengue distribuem panfletos educativos no campus da Pampulha

Equipamento da Escola de Engenharia melhora desempenho do coração artificial

Mensuração com feixes de laser tem aplicação em várias áreas de pesquisa

Maurício Silva Júnior

Uma nova esperança para os cardíacos pode vir dos laboratórios da Escola de Engenharia da UFMG. Com o auxílio do *Velocímetro Laser Doppler (LDA)*, equipamento comprado há poucos meses da Dinamarca, o Centro de Pesquisas Hidráulicas e Recursos Hídricos (CPH) está aperfeiçoando o primeiro coração artificial brasileiro, desenvolvido pelo Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, em São Paulo. O LDA medirá, com feixes de laser, as câmaras internas do coração, possibilitando a observação de áreas em que as substâncias sanguíneas possam encontrar condições desfavoráveis.

“O LDA é um aparelho muito preciso e pode ser usado em pesquisas de diversas áreas”, diz o professor Marcos Pinotti Barbosa, que coordena os projetos relacionados ao uso do Velocímetro. No Brasil, há apenas cinco equipamentos similares ao LDA. Desenvolvido com tecnologia de ponta pela empresa dinamarquesa Dantec, ele custou R\$ 95 mil e poderá ser utilizado com diversos fins. Seu princípio é baseado num conjunto

de feixes de laser que, cruzados em determinado ponto de um escoamento transparente de gás ou líquido, medem a velocidade das partículas. O movimento delas é, então, codificado pelo computador. “Isso permite o estudo dos perfis de velocidade em vários trechos de um escoamento e a identificação de regiões de turbulência, recirculação, reação química ou alta temperatura”, explica Pinotti.

Aplicações

Outra vantagem do LDA está relacionada à observação da velocidade das partículas por feixes de luz. Como o laser não interfere no meio em que está sobreposto, as medidas acabam saindo com total precisão. “Ele pode agir em diversos ambientes diferentes sem causar qualquer alteração”, diz Pinotti. Prova disso é a extensa relação de funções que o aparelho realizará na UFMG.

Além do coração artificial, o professor conta que, através de parceria com a Cemig, o LDA auxiliará no estudo de vertedouros e dissipadores de energia, instrumentos utilizados em usinas hidre-

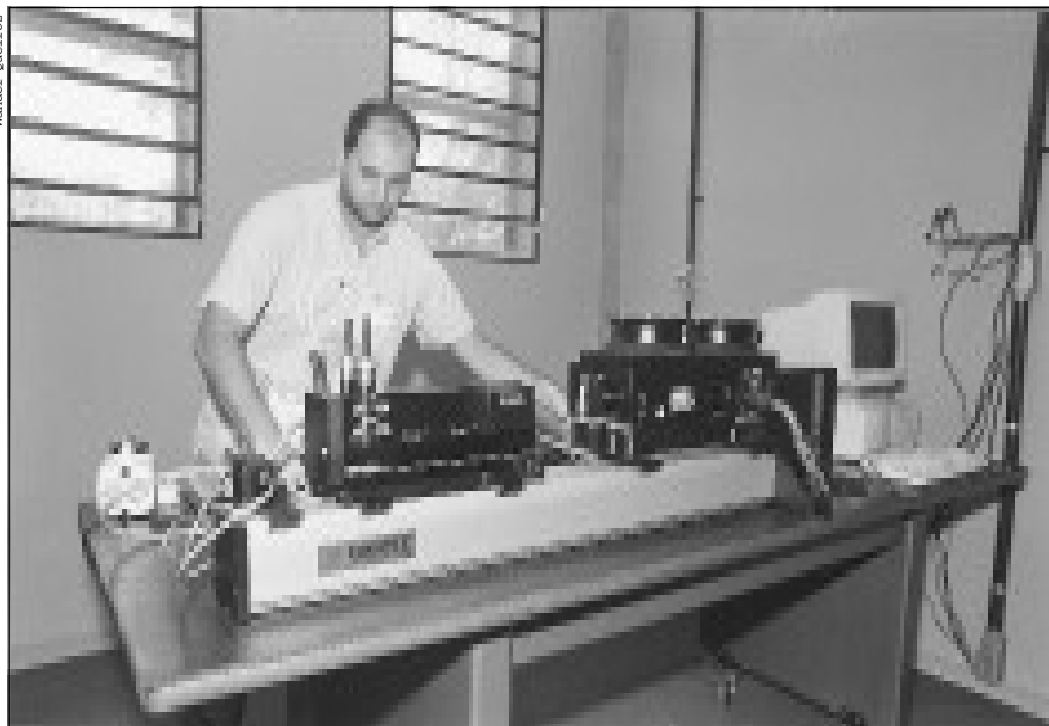
létricas. Dentro dos laboratórios do CPH, está sendo construído um modelo reduzido de canal hidrelétrico, que produzirá escoamento de água similar ao de uma estrutura verdadeira. O Doppler medirá pontualmente os perfis de velocidade, o que facilitará a otimização de recursos para a construção de usinas. “Antes de a Cemig iniciar qualquer obra, faremos pesquisas prévias com o LDA”, antecipa Pinotti.

O pesquisador informa que o equipamento está à disposição de outros setores de pesquisa na UFMG: “Ele tem caráter multidisciplinar. Não há porque centralizá-lo na Engenharia”. Além da parceria com setores da Universidade, Pinotti quer promover contatos com a sociedade e o meio empresarial. O Instituto Euvaldo Lodi (IEL) está agendando encontros com técnicos de diversas empresas para que venham conhecer o Velocímetro. Suas aplicações vão da computação ao setor têxtil, passando pela telefonia, bioengenharia e indústrias químicas.

Novos equipamentos

Dois outros aparelhos devem chegar à Universidade em breve. O primeiro é o Velocímetro por Imagem de Partícula (PIV), que proporciona uma visão macroscópica de um escoamento, antevendo as tendências das partículas durante o trajeto. O outro é um acessório que pode ser acoplado ao LDA, chamado Velocímetro Doppler de Fase (PDA), que permite medidas simultâneas do ritmo e da dimensão das partículas.

Pinotti: LDA possui caráter multidisciplinar



Pesquisa estuda lesões em jogadores de futebol

Simone Costa

Estudo ajudará a melhorar tratamento das contusões

Se você pensa que o atacante é sempre o atleta que mais sofre lesões no futebol, pode estar enganado. Em times pequenos, os artífices nem sempre são os mais visados pelos adversários. Nesses, os jogadores de defesa, como laterais e zagueiros, costumam trabalhar dobrado para evitar derrotas. Por isso, podem estar mais expostos às contusões.

Esta é uma das conclusões da pesquisa *Epidemiologia das lesões nos atletas de futebol*, desenvolvida pelos alunos de medicina Sérgio Freire Júnior, Flávio Campos, Guilherme Câmara e Rodrigo Medeiros.

Sob a orientação do professor Lúcio Honório, do departamento do Aparelho Locomotor da Faculdade de Medicina, os alunos escolheram como objeto de estudo o time profissional do Projeto Esporte Universitário (Proesp), da UFMG.

Honório explica que os resultados da

a responsabilidade de decidir títulos e partidas com seus gols.

Mas em relação aos times considerados pequenos, o professor tem um raciocínio diferente. Ele diz que seus atacantes não preocupam tanto técnicos e jogadores adversários, já que na maioria das vezes jogam retrancados, excessivamente preocupados em não perder as partidas. Além disso, acrescenta Honório, "essas equipes são menos pressionadas a obter vitórias e não disputam vários campeonatos simultaneamente."

Origem

O grupo de pesquisadores, responsável também pelo atendimento médico aos atletas da equipe do Proesp, teve a oportunidade de analisar detalhadamente os problemas observados durante as consultas. Daí nasceu a idéia da pesquisa. "Verificamos que a literatura sobre o assunto não é muito extensa. Descobrimos

também que tínhamos um bom material para estudo, ou seja, o próprio time do Proesp", comenta Sérgio Freire.

A pesquisa, apresentada em novembro na Semana de Iniciação Científica da UFMG, foi iniciada em julho de 1997. Os dados foram coletados em dez meses. "Cada vez que atendíamos jogadores machucados durante os jogos, colhíamos informações sobre eles, as lesões ocorridas, as condições de jogo. Observávamos o campo, o tempo, a posição do jogador, onde e como ele se machucou", disse Freire.

Os dados obtidos serão valiosos para melhorar o tratamento das lesões e permitir mudanças em algumas técnicas de treinamento. Freire lembra, por exemplo, que os jogadores de futebol se submetem a pesadas cargas de esforço físico: "Eles treinam em dois períodos diários e nem sempre estão preparados física e psicologicamente".

O professor Lúcio Honório observa que iniciativas de caráter interdisciplinar, como a do Proesp, são fundamentais para a formação do estudante. Tanto que a pesquisa realizada pelos alunos da Escola de Medicina gerou resultados expressivos em pouco tempo. "Os dados já estão sendo aplicados no dia-a-dia dos atendimentos", observa o professor.

Comissão analisa propostas para agenda dos 500 anos



Centro Cultural UFMG está recebendo inscrições para propostas de eventos comemorativos dos 500 anos do Brasil, que irão compor a *Agenda UFMG Brasil 500 anos*. Eventos previstos para o segundo semestre deste ano devem ser encaminhados até o dia 10 de maio. Eventos a serem realizados no primeiro semestre do ano 2000 devem ser propostos até 11 de outubro, enquanto no dia 10 de maio do ano 2000 vence o prazo para o recebimento de propostas de eventos para o segundo semestre do mesmo ano. Serão aceitas propostas encaminhadas e coordenadas por professores e funcionários da UFMG, com preferência para di-

retorias de unidades, chefias de departamentos, colegiados de cursos de graduação e pós-graduação, centros e grupos de pesquisa.

O julgamento das propostas será feito pela *Comissão de eventos dos 500 anos do descobrimento do Brasil*, designada pelo reitor Sá Barreto para preparar o calendário de comemorações. As propostas devem ser encaminhadas ao Centro Cultural UFMG, avenida Santos Dumont, 174, CEP 30.111-040 - Belo Horizonte, MG. Informações pelos telefones 238-1076/1079, de segunda a sexta-feira, entre 12 e 18 horas.





Mundo do trabalho

A Assessoria de Cooperação Institucional (Copi) promoveu, no dia 3 de fevereiro, reunião entre pesquisadores que desenvolvem projetos na área do mundo do trabalho. O encontro foi aberto pela vice-reitora Ana Lúcia Gazzola, que destacou a relevância de pesquisas do gênero nos âmbitos da UFMG e da sociedade.

Também participaram da reunião os pró-reitores de Extensão, Edison José Corrêa, e de Pesquisa, Paulo Sérgio Lacerda Beirão, além de professores da Unitrabalho, Nete, Nesth e Nescom. Durante o encontro ficou agendada nova reunião para discutir projeto comum entre essas instituições, a ser apresentado ao Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

Federação do Comércio

No último dia 4 foi dado um passo importante para aproximar a UFMG da Federação do Comércio de Minas Gerais. Isso aconteceu numa reunião entre dirigentes da Universidade e o diretor regional do Senac/MG, Sebastião Antônio dos Reis. Pela UFMG participaram do encontro a vice-reitora Ana Lúcia Gazzola e os assessores Márcio Luiz Bunte de Carvalho, de Tecnologia da Informação, Vera Menezes, de Educação a Distância, e Cecília Nogueira, de Cooperação Institucional.

Dissertação da Face avalia terceirização em Minas

Estudo mostra que processo é irreversível, apesar de nem sempre apresentar o resultado desejado

Sinônimo de desemprego para muitos, a terceirização, presente na maioria das grandes indústrias de Minas Gerais, é um processo irreversível. Apesar de alguns setores não apresentarem o resultado desejado com a transferência de serviço, este processo, de uma forma geral, reduz custos, aumenta a competitividade no mercado e desburocratiza a instituição.

Estas são as principais conclusões a que chegou a aluna do curso de mestrado do Cepead, Myrian Constantino de Almeida, que desenvolveu a dissertação *A terceirização e seu impacto na cultura organizacional: um estudo em grandes empresas de Minas Gerais*, defendida no início de fevereiro na Faculdade de Ciências Econômicas (Face).

Myrian fez sua pesquisa em duas etapas. Na primeira, foi aplicado um questionário em 12 empresas de grande porte com o objetivo de levantar o grau de terceirização, os fatores que a motivaram e os problemas resultantes do processo. O resultado, segundo a autora do estudo, foi bastante homogêneo. "Praticamente todas as indústrias pesquisadas haviam transferido para outras empresas os setores de limpeza, segurança e manutenção predial. O motivo foi uma provável redução de custos e o aumento da competitividade", diz.

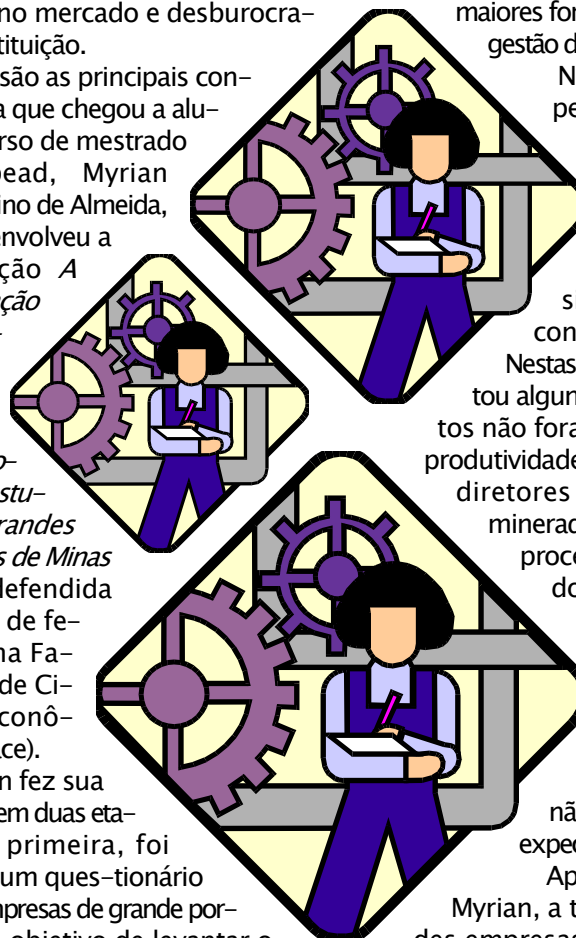
Qualidade

O principal problema detectado, segundo a pesquisadora, foi em relação à qualidade dos serviços prestados pelos terceiros, principalmente no que diz respeito a atividades ligadas ao produto final. "Quanto mais próxima a atuação da área terceirizada estiver do produto final, maiores foram as dificuldades de gestão do processo", afirma.

Na segunda etapa, a pesquisadora concentrou seu estudo em cinco empresas, mas apenas três (duas do setor de mineração e uma de siderurgia) aceitaram continuar colaborando.

Nestas firmas, Myrian detectou alguns problemas: os custos não foram reduzidos nem a produtividade aumentou como os diretores esperavam. "Numa mineradora, por exemplo, o processo de terceirização do setor de transporte do produto final foi revertido", informa. Os próprios diretores não souberam explicar porque os resultados não corresponderam às expectativas da empresa.

Apesar disso, segundo Myrian, a tendência das grandes empresas é continuar com a terceirização, mas procurando estruturar áreas e profissionais destinados a acompanhar a transferência de serviço. Ela recomenda que as empresas continuem a investir nesse processo, mas que contemplem outros fatores como o atendimento personalizado. "Muitas prestadoras de serviço padronizam o trabalho, prejudicando o contato inicial com os clientes de grandes empresas", conclui a pesquisadora.





Construção Civil

A Escola de Engenharia está com inscrições abertas, até 5 de março, para o curso de especialização em *Construção civil*. Os alunos podem escolher entre duas ênfases: *Tecnologia e produtividade das construções e avaliações e perícias*. Haverá aulas de segunda a quinta-feira, no horário das 19 às 22 horas, entre março e dezembro. Os candidatos devem ter formação em Engenharia Civil ou Arquitetura. Inscrições e outras informações no departamento de Engenharia de Materiais e Construção ou no setor de bolsas da Fundação Cristiano Ottoni, telefones 238-1903/1929.

Filosofia

O departamento de Filosofia da Fafich oferece cursos de aperfeiçoamento e atualização em Filosofia, com duração de um ou dois semestres. As aulas acontecem às terças, quartas e quintas-feiras, de 19 às 22 horas, na Escola de Arquitetura da UFMG. As matrículas para o aperfeiçoamento devem ser feitas entre 1º e 3 de março e para a atualização entre 4 e 8 do mesmo mês. Informações sobre custos e inscrições no setor de cursos da Fundep, telefone 499-4220.

Residência em veterinária

Até o dia 15 de fevereiro, estão abertas as inscrições para a seleção *ao curso de Especialização em Residência médico-veterinária*. São oferecidas 10 vagas nas áreas de Andrologia veterinária, Anestesiologia veterinária, Clínica cirúrgica e obstetrícia de grandes animais, Clínica cirúrgica e Obstetrícia de pequenos animais, Clínica médica de equinos, Clínica médica de pequenos animais, Clínica médica de ruminantes, Ginecologia veterinária, Patologia clínica veterinária e Patologia veterinária. A seleção será

feita nos dias 1º e 2 de março, quando os candidatos realizarão provas escritas e uma prática, exame de currículo e entrevista. Os aprovados iniciarão o curso em abril. Informações e inscrições na Secretaria do curso, sala 268, bloco H da Escola de Veterinária, de segunda a sexta-feira, entre 9 e 16 horas.

Teatro Universitário

Estão abertas as inscrições para seis cursos de extensão oferecidos pelo Teatro Universitário (TU), voltados para profissionais de teatro e áreas afins: *O treinamento do ator e seus arquétipos, Consciência do corpo e integração do movimento, Figurino para teatro, Elementos básicos da pantomina, O som e a música na cena teatral contemporânea e Iluminação cênica*. Com exceção do curso de treinamento de ator, que aceita candidatos com idade mínima de 16 anos, os demais devem ser feitos por alunos com pelo menos 18 anos. Informações pelos telefones 344-0356 e 344-0235.

Ciências Humanas

Até 19 de abril serão recebidas as inscrições de professores, funcionários e alunos que desejem apresentar trabalhos no *IV Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes*, que será realizado de 2 a 6 de agosto na Universidade Federal de Viçosa (UFV). O evento reunirá pesquisadores de seis instituições federais de ensino (Ifes) sediadas em Minas Gerais, além da UFV: UFMG, Funrei e universidades federais de Lavras, Juiz de Fora, Ouro Preto e Uberlândia. O congresso terá 15 áreas temáticas, entre as quais *Cultura e identidade, Estado, política e cidadania, Economia, produção e consumo e Arte e estética*. Os trabalhos deverão ser encaminhados pelo correio eletrônico cch@mail.ufv.br.

Criação de empresas

O departamento de Física do ICEx está oferecendo o curso de *Criação de empresas* para todos que pretendem desenvolver o espírito empreendedor, através de estratégias de negócios e percepção de oportunidades. As aulas acontecem às terças e quintas, de

18h30 às 21 horas, ou segundas e quartas no mesmo horário. As inscrições vão até 21 de março e podem ser feitas na sala 2063 do ICEx, telefone 499-5689.

Paubrasilismo

A exposição *Paubrasilismo*, do artista plástico Luciano Cortez, ficará em cartaz até o dia 28 de fevereiro no Centro Cultural UFMG. A mostra reúne pinturas inspiradas na obra do poeta Oswald de Andrade e pode ser vista nas salas Celso Renato de Lima e Ana Horta, de segunda à sexta, entre 11 e 21 horas, e nos sábados, domingos e feriados, de 10 às 18 horas. Nos dias 7 e 21, estão programadas visitas orientadas pelo próprio artista. O Centro Cultural fica na Avenida Santos Dumont, 174, telefone 238-1079.

Computação

O Centro de Apoio e Desenvolvimento Tecnológico e Ensino da Computação Gráfica (CADTEC), da Escola de Engenharia, oferece os cursos *AutoCAD Básico* e *AutoCAD Avançado/3D*. O primeiro começará em 22 de fevereiro e o segundo no dia seguinte. As inscrições serão aceitas até na data de início dos cursos. Maiores informações no CADTEC, telefone 238-1029, e-mails franco@dees.ufmg.br ou adriana@fco.eng.ufmg.br.

Mostra de curtas

Termina nesta quinta-feira, dia 11, a mostra *Grandes Momentos da Animação em Curta-Metragem*, que está sendo realizada pelo Cineclube UFMG no auditório da Escola das Belas Artes. A última sessão, que começa às 17h30, apresentará um total de 14 filmes, dos quais cinco são do diretor americano John Lasseter, diretor de *Toy Story*, o primeiro longa de animação totalmente feito por computação. A seguir, a programação da sessão: *Muratti marches on, Composition in Blue, Allegretto; Motion Painting n° 1; Sleep Guy; Moai's Dream, Card Trick; Rolling Stone, The End; Adventures of Andre and Wally Bee, Luxor Junior, Red's Dream, Tin Toy, e Knickknack*. Estes cinco últimos, de autoria de John Lasseter.

Tese da Letras investiga *poética do suicídio*

Ana Cecília Carvalho analisa papel da literatura na trajetória da escritora americana Sylvia Plath

Priscila Cirino

"E escrever é uma forma de pensar, de raciocinar. Essa seria a função da escrita, na medida em que permite ao escritor dizer para si mesmo que não é preciso se matar todos os dias, visto que é possível se matar a qualquer dia". A partir dessa afirmação da escritora Marguerite Duras, a professora do departamento de Psicologia da Fafich Ana Cecília Carvalho, também escritora e psicanalista, concluiu que existe algo no trabalho do escritor que o põe diante de uma escolha terrível: escrever ou morrer. Seguindo essa linha, Ana Cecília desenvolveu sua tese de doutorado sobre a escritora americana Sylvia Plath, que se suicidou em 1963, aos 30 anos.

Plath não foi a única. Ao longo do século 20, outras escritoras, como a americana Virginia Woolf, a portuguesa Florbela Espanca e a brasileira Ana Cristina Cesar, se mataram. "Não podemos dizer, porém, que há semelhanças em sua escrita apenas porque tiveram o mesmo fim", ressalta a pesquisadora, para quem não há como traçar um perfil de autora suicida, pois cada uma viveu em contextos históricos, sociais, culturais e pessoais muito distintos.

Ao buscar uma interlocução entre a psicanálise e a literatura, a professora tentou desvendar a finalidade da escrita na vida da autora americana que se matou no auge da carreira literária. "Eu me questionava se haveria um ponto em que a escrita perde sua função e, se ele existe, o que aconteceria a partir dali", diz Ana Cecília. Com base nesse questionamento, a

professora procurou analisar poemas, contos, cartas, diários e um romance, *Redoma de vidro*, deixados pela autora. Ela pretendia rastrear elementos que testemunhassem marcas de forças destrutivas que, acreditava, estariam presentes na produção da escritora. Nessa etapa, Ana Cecília traduziu 83 poemas e trechos de cartas e diários da autora, anexados à tese.

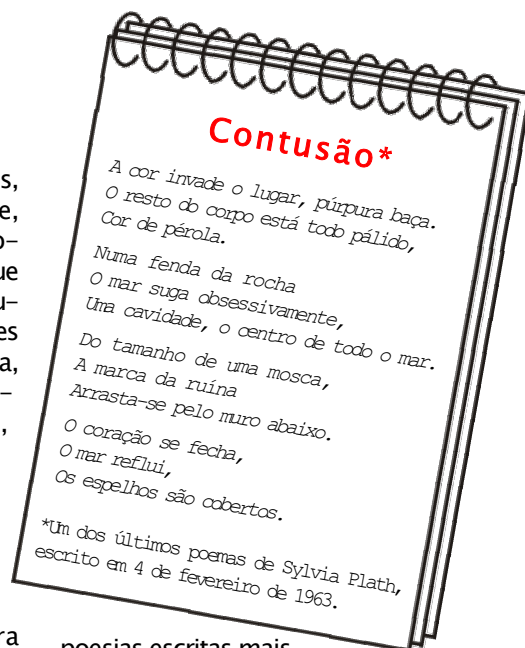
Analisando a obra de Plath, a professora percebeu que havia referências à função "terapêutica" da escrita. "Ela deixou registrada, por exemplo, a convicção de que o ofício de escrever era um recurso para reordenação de seu mundo interior", observa.

Reinvenção

Outra característica marcante da personalidade da autora era a reinvenção de suas experiências. Ela escrevia sobre o mesmo fato de formas muito distintas. "Há um episódio em que Plath se vê às voltas com um cisco no olho e registra isso no diário, numa carta para a mãe e num poema. As diferenças são tão nítidas que nem parece o mesmo fato", exemplifica a psicanalista.

Ana Cecília reconheceu dois movimentos nos textos da escritora americana. O primeiro aparece no romance, nos diários, nas primeiras poesias e nas correspondências para a mãe. "Nesse momento, Plath estaria tentando se distanciar do sofrimento interno que vivia, usando a escrita como uma força que detém sua dor", explica.

O segundo movimento aparece nas



poesias escritas mais ao fim da vida da autora. Seus textos deixaram de ser metafóricos para retratar a realidade. Segundo Ana Cecília, Plath estava consciente de que a coincidência entre a palavra e o que ela estava nomeando a levava a uma situação perigosa em que, como a autora mesma dizia, "o jato de sangue é poesia" e "não há nada que o detenha". Registradas num poema quatro dias antes de aparecer morta asfixiada com gás, as palavras de Sylvia Plath prenunciavam uma situação sem volta: sua escolha já estava feita.

Tese: *Escrita com fim, escrita sem fim: a poética do suicídio em Sylvia Plath*

Autora: Ana Cecília Carvalho

Defesa: 18 de dezembro de 1998, junto ao programa de Pós-Graduação da Fale em Estudos Literários.

Banca: Ruth Silviano Brandão (orientadora), Eneida Maria de Souza e Sandra Regina Goulart Almeida, todas da UFMG, e Edson Rosa da Silva (UFRJ)

EXPEDIENTE

Reitor: Francisco César de Sá Barreto – Vice-Reitora: Ana Lúcia Almeida Gazzola – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: João Bosco Jardim – Edição: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5076/MG) – Projeto e Arte: Rosa Alves / Centro Audiovisual – Diagramação: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 7 mil exemplares – Circulação: semanal – Endereço: Coordenadoria de Comunicação Social *campus* da Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627 – CEP 31270-901, Belo Horizonte, MG – Telefones (031) 499-4186 e 499-4189 – Fax: (031) 499-4188 – End. eletrônico: boletim@reitoria.ufmg.br e home page: <http://www.ufmg.br>. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

Boletim Informativo da UFMG